MY AUNT NORA



FERDINANDO FREGA

MINHA TIA NORA

The Art of Attraction · 06

Nos últimos dias esse nome não parava de voltar à minha mente. Ela tinha sido vizinha da minha mãe, a mulher que em 1963 a acolheu como uma filha e lhe deu, talvez pela primeira vez, aquilo que ninguém jamais lhe tinha ensinado: o afeto.

Não sou o tipo de filho que distribui julgamentos fáceis sobre a própria mãe ou sobre outras pessoas que já se foram. O meu continua sendo apenas um livre exercício de análise do comportamento humano, sem desculpas, sem nada, como se eu fosse um rei nu.

E essa senhora napolitana, de traços tipicamente suecos — olhos azuis, pele clara, estatura média —, estava acostumada a sorrir, e sempre, com a sua voz doce e encantadora e a sua presença de espírito natural, como sabem fazer as pessoas nascidas nesta latitude do mundo, deixava você com algo em que pensar: por que ela me disse isso?

Era 1985. Eu trabalhava em Cosenza e fui visitá-la. Para mim ela era a tia Nora, e ela me chamava carinhosamente de Ferdinà. Tinha sido madrinha da minha irmã Teresa, um presente da minha mãe pelo qual sempre foi grata, e sempre perguntava por nós.

A última vez que tinha me visto eu tinha pouco mais de sete anos, e agora, aos vinte, ela olhava para um rapaz, mas sabia muito bem de que material era feito o tecido cognitivo que eu levava comigo.

O afeto dela por mim se mostrava de um jeito diferente, e eu sentia isso, mas ela se continha, quase como se quisesse de propósito se impedir de dizer tudo o que pensava.

Naquela tarde conheci também a filha dela, Lella, dentista, uma mulher bonita, com o charme da mãe e a elegância do pai. Ela me cumprimentou calorosamente e disse: “É você mesmo, Ferdinando? O mesmo que morou dois anos em frente à nossa casa?”

Primeiro respondi com um sorriso, e depois disse: “Sim, sou eu, a melhor versão do lugar onde estamos hoje.” Todos rindo, todos olhando, depois as despedidas e a partida, e aquela foi a última vez que nos vimos.

Só o tempo de entrar no carro, e ouvi chamarem o meu nome de uma sacada dois andares acima. Era a tia Nora: “Ferdinà, volta, quero ver você de novo.”

“Sorri para ela. Eu sabia que isso não ia acontecer. A minha tarefa já estava cumprida.”

Um verdadeiro rei nu, diante de uma mulher inteligente, fica exatamente assim: como a mãe o pôs no mundo.

E eu era filho da minha mãe.

Ferdinando